



ADILTON VENEGEROLES / AG. A TARDE

ra fazer compras de festa na ruazinha enlameada. É o caso dos irmãos Alex e Luciana Bittencourt, que chegaram do município de Pedrão com o objetivo de comprar os adereços para o aniversário de 90 anos da avó.

“Toda festa a gente vem aqui. Conseguimos pechinchar e, geralmente, nas melhores lojas, encontramos os melhores preços. É como dizem: nos menores frascos, os melhores perfumes”, diz, bem humorada, Luciana.

Num passeio pela rua, percebe-se que, com o avançar da tarde, as lojinhas vão ficando mais cheias, até atingir o auge do movimento às 17h. “Quando o pessoal sai do trabalho, passa aqui”, fala a moradora Marcia Lourdes.

Antes das casas de festas, o lugar alternava bares e salões de beleza, até chegar o Bazar do Valter e a Le Biscuit (atualmente uma grande loja de departamento).

Filho do famoso Valter, pioneiro no comércio de artigos para festas, Alex Santos atualmente administra o negócio. Bom de papo, conta que no início era uma bonnie e abastecia os baleiros da região, mas com a chegada da Le Biscuit, de Feira de Santana, um público novo passou a frequentar, interessado numa variedade maior de produtos de armário e festas “numa época que supermercados só vendiam alimentos”. Foi aí que o Bazar se especializou, por volta de 2000.

“Com o tempo, o próprio pessoal do bairro também começou a abrir as suas lojas e foi uma concorrência amiga, boa para todo mundo. Especializou a rua como a rua das festas”, relata o empresário, que preza a agitada circulação de pessoas no local. “Se antes, na época dos bares, a movimentação era noturna, atualmente às 18h aqui fica parecendo um deserto”.

Sem drama no Paraíso: mesmo na crise, clientes fazem festas

Como estratégia de atração de consumidores, quando as vendas estão baixas, pede para os funcionários trocarem a farda da loja por roupa comum e passearem dentro da loja. “Cliente vai onde tem gente, onde está ativo”, opina Alex.

No Comércio, a rua do Corpo Santo é especializada em artigos esportivos – chuteiras, padrões, camisas de times (réplicas feitas no Ceará), pesos de ginástica, time de botão, entre muitos outros. Enfim, um universo de esportes. Diferentemente da rua do Paraíso, já viveu tempos melhores, mas continua resistindo, sobretudo com vendas para escolas públicas e “basas” de bairro. Também oferece serviços incomuns atualmente, como o conserto de bolas.

Há 48 anos trabalhando em lojas como vendedor, Artur Farias ocupa-se como médico das redondas; diz que é a sua “aposentadoria”. Viu os diferentes contextos do comércio, dos momentos de abundância aos mais difíceis, muitas lojas fechando e outras abrindo. Com essa experiência acumulada, sente segurança para dizer: “A chegada dos shoppings, sim, mas a concorrência alta na rua nunca foi problema”. «